

Meu Lugar na UFRGS



FLÁVIA DUTRA/JU

Uma construção

Jacira Cabral da Silveira

A conversa inicial apontava para uma não conversa, pois o foco desta coluna desfazia-se na primeira resposta: “Difícil dizer qual é o meu lugar, eu nunca me senti pertencente. Fiz vários amigos nesses seis anos e meio de curso, mas não sei se tenho um ‘meu lugar’ aqui”.

Cássia Lima Lemos é uma jovem de 26 anos. Ingressou pelo sistema de cotas raciais num dos cursos mais concorridos da Universidade no segundo semestre de 2013: Arquitetura e Urbanismo. A conversa segue, e vêm os primeiros relatos que justificam sua sensação de não pertencimento: histórias de constrangimento vividas dentro e fora de sala de aula. Mas, quando ela conta do grupo criado entre os estudantes negros do seu curso juntamente com os da graduação em Design, a ideia de “não lugar” perde força.

Criado há cerca de três anos durante um dos eventos que marcam o Novembro Negro na UFRGS, o grupo surgiu para que esses estudantes pudessem conversar sobre questões étnico-raciais a partir dos episódios que cada um enfrentava no dia a dia na instituição. Passou a ser também um espaço onde procuravam construir estratégias na tentativa de evitar que tais acontecimentos se repetissem com outros colegas. Sem uma sede nem uma periodicidade para realizar suas reuniões, o coletivo se legitima toda vez que dois ou mais dos integrantes do grupo se encontram e trocam experiências.

Durante as ocupações de prédios da UFRGS em novembro de 2016, em protesto à Proposta de Emenda à Constituição 55 (teto dos gastos), o grupo organizou uma palestra sobre os negros na Universidade. Embora a adesão tenha sido pequena, Cássia diz ter ficado emocionada especialmente com o relato do primeiro negro cotista graduado em seu curso. “Passaram-se anos desde que o Horácio se formou e várias das coisas ainda

aconteciam”, lembra.

Situações como quando Cássia foi a única a ser chamada a sair da fila para assinar o registro de entrada ao chegar à faculdade, enquanto um grande número de estudantes estava ingressando somente ao passar o cartão. Ela ainda recorda a cena: “O que tu tá fazendo aí? Tu tem que botar o nome aqui”, ouviu do segurança. Respondeu: “Mas por que eu tenho que colocar o nome aí se todos estão entrando só com o cartão? Sou tão aluna quanto toda essa galera!”. Para evitar alvoroço, assinou o caderno e foi a um dos setores responsáveis da unidade, onde ouviu do atendente: “É o procedimento”. Contrariada com a justificativa, questionou: “É procedimento pra mim que sou mulher negra retinta?”.

“Era difícil para meus colegas perceberem que o que eu falava sobre as ocorrências excessivas não era só mais uma perseguição igual àquelas de que qualquer aluno poderia ser vítima.” Por outro lado, quando relatava o mesmo fato no grupo, eles se identificavam com o ocorrido. Foi nesse espaço também que Cássia pôde trocar dicas de leitura que hoje considera fundamentais para seu crescimento pessoal. “Ressignifiquei várias palavras desde que comecei a ler aqui sobre pautas negras e sobre a sociedade e assim pude me entender: Cássia, mulher preta retinta, neste ambiente elitizado. Eu precisava compreender qual o processo que tinha me trazido até aqui.”

Ao reconhecer o grupo dos colegas negros como seu lugar na UFRGS, especialmente por ser um lugar de reconhecimento e de fortificação, Cássia menciona o conceito de aquilombamento, que resignificou a palavra pra ela. “As pessoas, quando falam em quilombo, pensam em um lugar para onde as pessoas fugiam. Pra mim, hoje, esse termo não é o lugar para onde os negros fugiam. Muitas vezes era o primeiro lugar onde se sentiam livres, pertencentes.”

Esta coluna é uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas serão exibidos no Canal 15 da NET diariamente às 20h e às 23h.

Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para jornal@ufrgs.br e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local

Perfil

“Até hoje sou dona de mim”

Flávia Ohlweiler
Uma trajetória de independência e equilíbrio mesmo nos desafios anos de chumbo

“Um dia, no bonde que eu tomava para ir ao Julinho, encontrei o Erico Verissimo. Ele ficou impressionado, porque eu andava com livros nos braços. Naquela época não era tão comum uma mulher estudando”, relembrou Flávia Ohlweiler da Silveira, professora aposentada da UFRGS. Com 94 anos e vestida num traje elegante – blusa branca e saia escura –, ela recebeu a equipe do JU em seu apartamento na Zona Sul de Porto Alegre. Decidida, embora um pouco tímida, durante a conversa fez questão de definir o que deveria ficar de fora e o que entraria em seu perfil, como o encontro com o autor da trilogia *O tempo e o vento*, na provinciana capital do estado, em que ainda circulavam os bondes.

Nascida em 1925, ela se mudou, aos 13 anos, de Taquari para Porto Alegre. Na capital, estudou no internato Bom Conselho até ir para o colégio Júlio de Castilhos. “Quando iniciei no Julinho, queria fazer o científico, mas não havia mais vagas, então fiz o clássico, que era para quem quisesse lecionar.” Logo depois, seus pais, Anselmo e Nair, e irmãos, também se mudaram para Porto Alegre. “Uma moça não poderia viver sozinha naquele tempo”, disse.

Embora tenha feito o clássico, Flávia ingressou no curso de Farmácia na década de 1940, ainda

vinculado à Faculdade de Medicina da então Universidade de Porto Alegre. “As moças com boas condições financeiras procuravam esse curso, porque durava só três anos”. Ela explicou que isso ocorria por conta do casamento. “Mas sempre fui dona de mim”, enfatizou. “Ainda sou, mesmo com essa idade. Os filhos não conseguiram mandar em mim”, brincou. Flávia tem três filhos – Anselmo, Ondina e Wilson –, 11 netos e 11 bisnetos. Viúva há 21 anos, hoje mora sozinha, contando com duas ajudantes nas tarefas domésticas.

A Porto Alegre em que passou a juventude era pacata. “Não lembro de ter bares. Eu ia aos bailes do Leopoldina Juvenil e ao cinema, em alguns dias víamos várias sessões.” Mas o que mais fazia mesmo era ler. “Sempre gostei. Lembro de alguma história que me marcou e leio a obra de novo para lembrar os detalhes”. Está relendo *O crime do Padre Amaro* e *O Primo Basílio*, ambos de Eça de Queirós.

Política e docência – No corredor que leva aos quartos, Flávia mostra o quadro com a caricatura do marido, Wilson Vargas da Silveira, político filiado ao PTB e parceiro de Brizola desde a época em que estudavam no Julinho. Em 1964, no golpe que instaurou a ditadura militar, foi um dos primeiros deputados federais a ter seus direitos cassados. “Nunca me meti na política. Porém levei o Wilson e o Jango, quando ele foi deposto e antes de ir para o Uruguai, escondidos à casa do general Ladário Telles, na rua Dom Pedro II”.

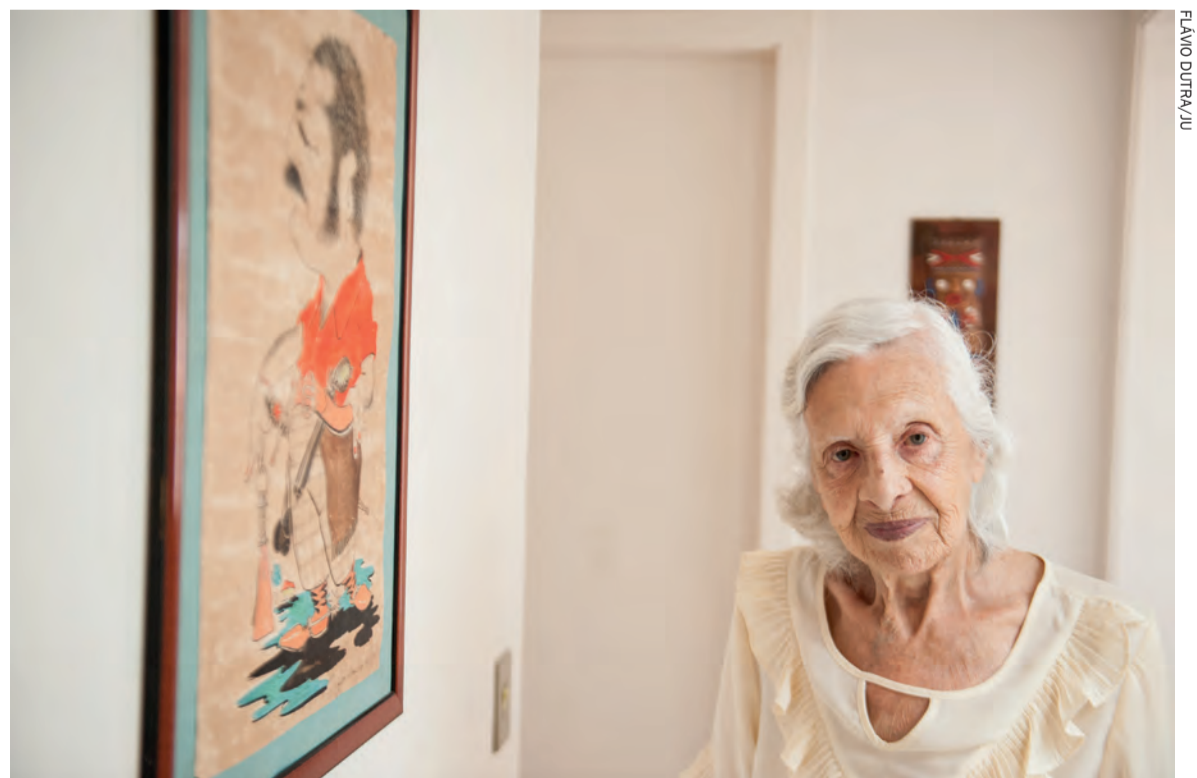
O casal se conheceu ainda no Julinho. Quando ela estava na metade da graduação – e ele cursando Direito – casaram-se em uma cerimônia íntima e discreta e moraram um tempo em São Francisco de Paula. Para concluir

o curso superior, ela viajava à capital algumas vezes na semana. De volta a Porto Alegre dois anos mais tarde, a ideia de Flávia era ter sua própria farmácia, mas as circunstâncias a levaram para outro caminho: tornou-se professora assistente na Universidade em 1952. “Comecei dando aula de farmácia galênica, um campo dedicado a Galeno, um dos primeiros a estudar Farmácia. Então, o diretor da unidade me indicou para ministrar a disciplina de bromatologia e disse para eu dar aula naquele dia mesmo. Meu chão parecia que tinha sumido!”, relembrou. Durante os 30 anos em que lecionou, Flávia passou por momentos conturbados: “Como meu marido era um político conhecido, alguns professores tinham até medo de me cumprimentar, com receio de represália por parte da ditadura”.

Apesar de concordar com muitas das posições políticas de Wilson, preferia não militar. “Sou de oposição até hoje. Gostei das mudanças de Getúlio em relação às questões trabalhistas, por exemplo. Mas, durante a ditadura militar, nunca falei sobre nada em aula, não era o lugar”. Quando o marido foi preso, foi com o salário da docência que ela sustentou a família. “Tive sorte: o diretor da faculdade, Henrique Oliveira, não deixou que o DOPS entrasse no prédio e ainda me avisou que eu tinha dois alunos infiltrados me cuidando”.

Atualmente, divide o tempo entre as tarefas de casa, as leituras e o convívio com a família. Assim que se aposentou, porém, junto com a colega Ruth Veloso, desenvolveu um pó que dá consistência rápida à geleia. “Montamos uma fabricqueta. Foi um momento muito bom”.

Bárbara Lima,
estudante do 8.º semestre
de Jornalismo da UFRGS



FLÁVIA DUTRA/JU